



Espera / Waiting

Luísa Jacinto

Óleo sobre MDF, 1,80 x 2,40 m; 2009.

Saint Gabriel Parish, Archway, London.

Numa sala, alguém aguarda. Espera. A luz, a porta, as escadas sugerem o reconhecimento de uma presença.

*Missão,
o Grande Desafio*

Augusto Pires da Mota



Tecto de Nuvens

PREFÁCIO

A crise de instabilidade profunda, em que a sociedade moderna mergulhou, inevitavelmente, tinha de repercutir-se na Igreja, destinada pelo seu fundador a ser luz, sal e fermento na terra dos homens.

Tímidos nas suas convicções e perplexos com as normas que devem formar as suas consciências, muitos cristãos andam à deriva, batidos pelos ventos que sopram de todos os quadrantes. Num tempo de mudanças e rupturas, a auto-consciência católica, ao ver-se despojada de modelos mentais, filosóficos e sociológicos, com os quais, até agora, se tinha coberto e auto-interpretado experimenta a sensação de quem se sente despojada, espoliada ou despida na praça pública.

Para anunciar o Evangelho, em toda a sua pureza, a igreja sentiu e sente a necessidade de reformular muitos aspectos da sua dinâmica e estratégia apostólicas, adaptando-as às exigências de um mundo em mutação constante. «Numa sociedade em evolução rápida, o essencial já não é a experiência acumulada, mas sim a adesão ao movimento.» Edgar Morin. Os objectivos são os mesmos, sempre válidos para todos os tempos e lugares, mas a estratégia e os meios estão gastos e obsoletos, a pedirem uma reformulação a nível da linguagem e atitudes.

A estrutura eclesial, consciente das suas responsabilidades e limitações, vai respondendo, como pode, às necessidades mais urgentes dos conturbados tempos actuais.

A inadaptação dos crentes a esta nova realidade abana, profundamente, os alicerces do edifício eclesial e leva a igreja a perturbar-se perante o imperativo de evangelizar, com a exigência de uma mobilização geral e eficaz coordenação de forças.

Acosados pela necessidade de uma nova evangelização e pela impossibilidade de uma resposta adequada, os cristãos encontram-se indecisos e assustados como náufragos num mar imenso de problemas e dificuldades. Se a igreja não esconde a cabeça debaixo da areia movediça, fecha-se demasiadamente no interior do santuário, onde talvez procure mais as consolações de Deus do que o Deus das consolações com todas as suas exigências de apostolado.

Esta é a grande tentação e ilusão na igreja dos nossos dias. Segundo

afirmação de um membro da hierarquia transcrita pela Voz Portucalense, “... faz-se uma certa poeira, empurrando para o negativo” e, no entanto, (acrescenta) “As igrejas estão cheias, os jovens são mais e, em certas circunstâncias, não se cabe nas igrejas.”

É verdade, em certos momentos da vida, mas será tapar o sol com a peneira aferir a situação pelas multidões na esplanada de Fátima, nas visitas pastorais, nos casamentos, ordenações sacerdotais ou enterros de pessoas importantes. Não caímos no triunfalismo dos banhos de multidão ou de possíveis encenações, girândolas de uma religiosidade não suportada pela fé.

Este é um dos perigos para qualquer instituição comodamente instalada e, em concreto, para a igreja actual, enredada em tantas coisas maravilhosas, mas sem a consciência de estarmos em terras de missão, passados que foram os tempos das velhas cristandades.

A «Gandium et Spes» do Concílio Vaticano II afirma que a missão fundamental da igreja, nos tempos actuais, é ser fermento dos valores do Reino na vida familiar, pública e social, numa atitude dialogante e de testemunho do Espírito transformador de Deus, nas comunidades cristãs e no mundo, seguindo as pegadas dos primeiros crentes.

Impõe-se uma nova evangelização e uma igreja de ministérios ao serviço do Evangelho e da difusão do Reino de Deus, em que a co-responsabilidade e a colaboração livre, embora prudente, sejam palavras de ordem.

No seio da igreja, ao arrepio das tendências plurais e globalizantes dos nossos dias, continua a verificar-se a exclusão de valores que podiam contribuir, generosamente, para a difusão do Reino de Deus.

Os leigos, em grande parte, encontram-se ainda numa situação de menor idade irresponsável. E, no entanto, hoje como há dois mil anos, o Senhor continua a dizer a todos os membros da sua igreja: “Ide, ensinai”; “insisti oportuna e inoportunamente”, quer queiram, quer não queiram, quer gostem, quer não gostem ou vos desprezem e persigam, diz S. Paulo. Segundo o apóstolo dos gentios “A palavra de Deus tem de ser livre, não pode ser impedida por ninguém, pois, todos somos chamados por Cristo à missão: “Ide por toda a parte”.

Esta exigência de apostolado num mundo imprevisível, que nos surpreende ao dobrar de cada esquina, é, paradoxalmente, a tarefa mais amarga na igreja de Deus pelas dificuldades que envolve e para as quais o Senhor nos alertou, mas também é a tarefa mais gratificante.

O mundo actual, em mutação profunda, tem, hoje, novas exigências

e põe outros desafios.

O materialismo e a indiferença provocam uma certa inquietação nas hostes religiosas de todas as denominações. Todos sentem a necessidade urgente de conjugar esforços no campo da evangelização, sem desperdiçar munições e energias em querelas religiosas e questiúnculas teológicas estéreis, consideradas pelo homem actual como bizantinices ultrapassadas. «Ide» é a palavra de ordem do nosso chefe.

A evangelização é, nos tempos que decorrem, um desafio para todas as confissões cristãs e deve encontrar-se no centro das preocupações de qualquer denominação sinceramente empenhada no movimento ecuménico dos nossos dias.

Impõe-se uma nova Evangelização. «Como o sol que dissipa as trevas e como a água que brota do seio da terra, assim o Evangelho deve fazer-se comunicação e missão.», diz João Paulo II.

São estas as motivações fundamentais que me determinaram na publicação deste livro, modesto trabalho, que dedico à Rainha dos Apóstolos, implorando um carinho muito especial para a grande missão, que vai realizar-se em 2010, na Diocese do Porto, cidade da Virgem, que ostenta, no seu brasão, a imagem de Nossa Senhora de Vandoma, com o Menino Jesus ao colo; cidade invicta e fiel, onde a Mãe de Jesus é invocada pela fé popular, sob tão variadas e originais designações: Sra. da Vandoma; Sra. da Verdade; Sra. do Ó; Sra. da Batalha; Sra. da Consolação; Sra. da Conceição; Sra. de Agosto; Sra. da Silva; Sra. das Candeias e Nossa Senhora da Assumpção, padroeira da Diocese.

1 - CHAMAMENTO E MISSÃO

Deus toma sempre a iniciativa e suscita, em cada tempo, os profetas que o mundo precisa.

«Antes de te formar no ventre materno, Eu te escolhi, antes que saíesses do seio da tua mãe, Eu te consagrei e te constitui profeta entre as nações. Cinge os teus rins e levanta-te, para ires dizer tudo o que Eu te ordenei» Jer. 1.4-5, 17-19.

Querem matar Jeremias e o profeta adverte: «Foi o Senhor que me enviou a profetizar» Jer.26,12. Acerca dos falsos profetas, disse Deus: «Eu não os envie» Jer. 29,9.

Jesus chama: «Vinde a Mim...», «Vinde e vede». O Senhor não esteve à espera de conhecer as inclinações dos discípulos, chama-os gratuitamente e por sua iniciativa. Para os dois pescadores convidados tinha chegado a hora de Deus. «Estes foram, viram onde morava e ficaram com Ele, nesse dia» Jo.1,38-39.

Este encontro com Jesus transformou a vida dos discípulos e foi o princípio duma amizade profunda que os ligou, para sempre, ao Senhor.

«Não fostes vós que me escolhestes, mas Eu vos escolhi a vós» Jo.15,16. «Segui-Me e farei de vós pescadores de homens».

A messe é grande e, cada vez é maior, porque, cada vez mais, escasseiam os trabalhadores. Até na sociedade civil começa a diminuir a produção, por falta de operários, por isso, Jesus pagou aos da última hora um salário igual aos da primeira, para que o trabalho fosse realizado e, porque a iniciativa é de Deus, recomenda que peçamos ao Senhor da messe para mandar mais operários.

Cada um é convidado no momento, em que está preparado para ouvir o chamamento. Ninguém conhece os desígnios de Deus. Paulo, em Gálatas, 1,15 diz: «Quando aprouve a Deus, que me separou, desde o ventre de minha mãe».

O Senhor desejava chamá-lo, desde o início da sua vida, mas Paulo não teria cedido. Por isso, esperou o momento da disposição, a caminho de Damasco: «Paulo, por que Me persegues?»

«Saulo, Saulo, é duro recalcitrar contra o aguilhão. Senhor, que quereis que eu faça», «Destinei-te para seres um vaso de eleição», «Falai,

Senhor que o vosso servo escuta», responde Saulo, como Samuel.

Jesus chamou, no último instante, o ladrão, doutra forma, Dimas poderia não ter correspondido. «Quando se entreabre a porta sombria, crer é difícil, não crer, impossível». Para muitos esta é a hora de Deus (referência em «De Babel a Sião».)

Temos de estar atentos e abertos aos sinais do Espírito. O cristão, como qualquer outra pessoa, intui a chamada, para a realização do Reino de Deus.

Temos de estar disponíveis e prontos para deixarmos barcos e redes, pai e mãe, negócios e projectos.

O chamamento é a hora de Deus, por um movimento interior do seu Espírito que ilumina e encoraja, mas também é a hora dos discípulos, nos quais o Senhor respeita a liberdade e aos quais faz uma proposta, cuja realização depende da vontade de cada um.

A disposição interior é condição indispensável para que a graça, em nós, não seja em vão, como diz S. Paulo.

O apóstolo não é na sua origem, um voluntário, pois a iniciativa pertence a Deus que o chama. S. Paulo, em 1 Cor.9,16-19. 22-23, refere-se a este dom com a correlativa obrigação, nos termos seguintes: «Anunciar o Evangelho não é para mim um título de glória, é uma obrigação que me foi imposta. Ai de mim, se não anunciar o Evangelho. Se o fizesse por minha iniciativa, teria direito a recompensa, mas como não o faço por minha iniciativa, desempenho apenas um cargo que me está confiado.» 1 Cor.9,46.

A missão procede da preocupação de Deus, que ouve o clamor dos oprimidos, dos ignorantes, de tantas ovelhas dispersas e sem pastor. É Deus que se comove com entranhas de misericórdia e confia ao apóstolo a missão de tornar visíveis as suas intenções libertadoras: «Ouvi o clamor do meu povo...vai...», disse Deus a Moisés. «Tenho pena desta gente que é como um rebanho sem pastor».

Porque a iniciativa não é nossa, o discípulo entra na amizade e intimidade de Deus, de maneira gratuita e com Ele está, permanentemente, em relação profunda e definitiva. Esta missão faz do enviado – apóstolo um plenipotenciário de quem o envia. «Quem vos recebe a Mim recebe». Mt. 10. 37-42.

Ser discípulo de Jesus é alguém que, pelo chamamento «Vinde», O escuta e segue. Aliás, na tradição judaica e não só, o discípulo aparece sentado aos pés do mestre a ouvir os seus ensinamentos.

Deus chama com uma finalidade bem concreta e clara: o apostolado.

Jesus chama, «Vinde», para depois enviar, «ide». Em Lucas 9,51-62,

lê-se: «Depois disse ao outro: Segue-me». Ele respondeu: «Senhor, deixa-me ir, primeiro, sepultar meu pai.» Disse-lhe Jesus: «Deixa que os mortos sepultem os mortos; Tu vai anunciar o Reino de Deus.»

O discípulo é chamado, adere e segue, o apóstolo é enviado a anunciar e a testemunhar. Apóstolo quer dizer enviado. O apóstolo é alguém a quem o Senhor diz: «Levanta-te e anda», vai.

Jesus enviou os doze com as seguintes recomendações: «Ide, primeiramente, às ovelhas perdidas da casa de Israel... proclamai que está perto o reino dos céus...envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos» Mt. 9,36-10,8. «O Senhor designou setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir, dizendo-lhes: “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Ide, Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobo... e dizei-lhes: «Está perto de vós o Reino de Deus» Lc. 10, 1-9.

Marcos, 6,7-13, confirma o envio dos discípulos, dois a dois, pelos povoados da Palestina, a anunciar a boa nova do Reino, com uma dimensão libertadora, social e comunitária: curar os enfermos, pregar o arrependimento e expulsar os demónios.

«Os que tinham sido dispersos foram de aldeia em aldeia, anunciando a palavra da Boa Nova» Act.8,4.

A missão é uma constante na Sagrada Escritura. José dá-se a conhecer aos irmãos e diz-lhes: «... foi para a conservação da vossa vida que Deus me enviou para aqui».

O Êxodo, 3,10, narra o episódio da sarça ardente: «Vai, envio-te ao Faraó, para que tires do Egipto o meu povo», disse Deus a Moisés. Deus purifica os lábios de Isaías: «...eis-me aqui, envia-me... Vai e diz ao povo...»

Chegada a plenitude dos tempos, Deus envia o seu Filho» Gl44. «Eis que envio à tua frente o meu mensageiro», diz S. Marcos 1,2, acerca da pregação de João Baptista, o precursor do Messias prometido.

Antes do retorno ao Pai, Jesus manifestou a sua vontade suprema, traduzida num imperativo de consciência, enviando os apóstolos com a missão que Ele próprio recebera «Transmiti-vos o que eu recebi». Transmitir e receber e de novo transmitir ininterruptamente: «Todo o poder me foi dado no céu e na terra. Ide e fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo o que vos mandei. Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos» Mt 28,16-20. «Anunciai... Quem acreditar e for baptizado será salvo» Mc 16,16.

Como hão-de acreditar em Deus, se não houver quem O anuncie? Ninguém poderá crer em Jesus sem O conhecer e o Senhor só poderá ser conhecido pelo anúncio do seu nome, Rom 10,14-15. «Fides ex auditu». «Porque lhes dei as palavras que tu me deste e eles as receberam e têm verdadeiramente conhecido que saí de Ti e creram que me enviaste.» João 17,8.

Após a ressurreição, o Senhor aparece aos apóstolos e diz-lhes: «Como meu Pai me enviou, assim eu vos envio a vós» João 20,21.

Olhos nos olhos, no momento da despedida, brotou do coração do Senhor a recomendação mais querida e veemente ao futuro pastor universal da sua igreja, Pedro: «Cuida das minhas ovelhas.»

Há uma continuidade real entre o nascimento, a crucifixão e a ressurreição. Os pastores de Belém são os primeiros missionários a anunciar a «Boa Nova».

Antes de lhes entregar a missão, «Assim como meu Pai me enviou, assim Eu vos envio a Vós», Jesus «mostrou-lhes as mãos e o lado» João 20, 19-31.

A missão universal nasce da Páscoa e tem a fonte no seio da Trindade, «Como meu Pai me enviou»; arranca de Deus Pai, passa pelo Filho e, através do Espírito, prolonga-se nos discípulos: «Assim Eu vos envio».

«Abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras e disse-lhes: «Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos, ao terceiro dia e que havia de ser pregado, em seu nome, o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas de todas estas coisas» Lc 24,35-48. «Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» Act.1,8.

O cristianismo ou é pascal ou não é cristão. O núcleo central da proclamação directa e pessoal dos apóstolos é a crucifixão e a ressurreição de Jesus, isto é, a vida que triunfa sobre a morte e sobre o pecado, como se conclui de Act.10,39-43. Ressurreição, pois a conversão não é simples reboco, mas restauração radical.

O apóstolo é o mensageiro da boa nova, da libertação, pois anuncia a ressurreição do Senhor.

Maria Madalena, expressamente nomeada por Jesus, que se lhe dá a conhecer, recebe a grande missão: «Vai aos meus irmãos e diz-lhes: subo ao meu Pai e vosso Pai, ao meu Deus e vosso Deus» Jo. 20, 17.

Maria será a apóstola dos apóstolos, como refere o Novo Catecismo e a liturgia ortodoxa.

Também a samaritana tinha cumprido a missão de que fora incumbida

pelo Mestre: «Vai chamar o teu marido...», «Vinde ver um homem...». E, à voz duma pecadora, transformada numa apóstola, Samaria cai aos pés do Senhor.

Jerusalém, desolada e em ruínas, espera, ansiosamente, o «Evangelho», a boa nova da libertação. O regresso do exílio é visto como um novo êxodo: «Haveis de sair com alegria», Is. 55,12.

Um mensageiro adianta-se, para anunciar a caravana dos deportados, que regressam à pátria. Isaías interpreta, de uma forma poética, a ansiosidade daquela gente: «Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro, que anuncia a paz... que traz a boa nova, que proclama a salvação e diz a Sião: «O teu Deus é rei, etc.», Is.52,7-10.

Os apóstolos, enviados pelo Senhor, regressam eufóricos, por terem sido escolhidos e por terem cumprido, com êxito, a missão que lhes fora confiada: «Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando».

Se uma alma em graça dá mais glória a Deus que todo o mundo material, a salvação duma alma é obra maior que a criação do mundo. Por isso dizemos: «Como são maravilhosos os pés do mensageiro, daquele que anuncia a boa nova da salvação.»

Após a morte de Cristo, todos esperavam uns tempos de acalmia, vivendo a recordação dum passado próximo, preenchido pela vida dum homem bom e poderoso em palavras e obras, mas os apóstolos aceitam o desafio e partem à conquista do mundo: «ide». «Importa primeiro obedecer a Deus que aos homens», dizia Simão Pedro. «Quanto a nós, não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» Act.4,20.

Os apóstolos dão início à proclamação pública do Evangelho, no dia de Pentecostes e três mil almas ficaram presas nas malhas daqueles pescadores de homens. Desde então, a palavra de Deus ia-se divulgando cada vez mais; o número dos discípulos aumentava consideravelmente, em Jerusalém e submetia-se à fé também grande número de sacerdotes» Actos 6,1-7.

Nos primórdios do cristianismo, o anúncio da palavra de Deus realizava-se através do Kerigma e da Didaké, conforme podemos aferir da literatura paulina, da narrativa dos Actos dos Apóstolos, do Evangelho e até da pregação posterior.

O Kerigma ou proclamação evocava o que os profetas anunciaram e a boa nova de Jesus aos tempos presentes. A Didaké era uma instrução ou aprofundamento catequético.

O Kerigma é a evangelização propriamente dita extra muros, e, como tal, é um desafio ao espaço catequético, como escola formadora de missionários.

Ora nem sempre a catequese inicia na fé autêntica, como resposta a uma pergunta que o evangelizador deixa no espírito de quem o ouve.

Dizia o Cardeal Louis-Marie Billé: «Sabemos que não existe evangelização sem diálogo. Não podemos oferecer respostas sem primeiro escutar as perguntas.» Também não nos podemos limitar a formular perguntas e a dar as respostas.

A evangelização é um dinamismo dialogante, além da relação pergunta - resposta. O mesmo espírito está em movimento no evangelizador e no evangelizado, cujo desfecho é a conversão.

Neste sentido, a Igreja é um ponto de chegada e de partida. O convertido é naturalmente um missionário, que não pode reservar só para si a felicidade conseguida sem a comunicar aos outros.

A Igreja não é uma cisterna, mas um rio, cujo destino é o mar do mundo, campo do nosso trabalho cultural e pastoral. A Igreja é santa por vocação, mas é secular por missão e os preferidos são todos, mas principalmente os mais necessitados, aqueles que nós tão facilmente etiquetamos de «pecadores».

«Só os doentes precisam de médicos», diz o Senhor.

A propósito do Pe Américo, dizia o controverso bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes: «A Igreja tem que estar presente nos bairros de lata; nas ilhas onde esteja a pobreza; nas barracas onde a miséria espreita por todas as famílias; na solidão dos velhos, dos doentes acamados; no abandono das crianças da rua; no sofrimento sem cura».

Os pobres, no sentido lato da palavra, foram a preferência do Pe Américo: «Senhor, a bênção dos pobres, à hora da minha morte».

Esta tem de ser a primeira preocupação da Igreja. A evangelização é no terreno e todas as estruturas eclesiais se devem orientar neste sentido. «Seja feita a tua vontade, na terra, como no céu». O amor a Deus e ao próximo, essência do cristianismo, desta feita, não é uma palavra vã. «Estou, no meio de vós, como aquele que serve». Lc. 22, 27. Aproximemo-nos dos outros, do mundo concreto, cheio de problemas, de angústias e de sofrimentos, comprometendo-nos, envolvendo-nos.

O semeador saiu a semear (Mt. 13, 31).

A Igreja não pode permanecer, em casa, a acolher e evangelizar os que a procuram.

«Duc in altum», remar para dentro do mar. A Igreja tem de ir à frente, qual candeia a rasgar a solidão, a noite e as trevas de tantas almas carenciadas.

A evangelização, sendo necessária, não é só para os convertidos, para aqueles que participam nas nossas assembleias litúrgicas ou

movimentos eclesiais. Todos precisamos de assistência, de formação constante, de conversão permanente. A fé pode arrefecer e até perder-se como qualquer virtude.

No entanto, além das noventa e nove ovelhas, que permanecem no redil, o Senhor recomenda cuidados especiais com aquela que se perdera e anda por outros caminhos.

O pródigo está perdido e necessita de regressar à casa do Pai. Não interessa a vida que levou, os caminhos ínvios que percorreu, é um nosso irmão, isso nos basta.

Preocupemo-nos com aqueles que vivem a nosso lado, indiferentes às liturgias em que participamos e nos sentimos realizados e felizes.

«Ide pelas azinhas e caminhos ínvios, convidai-os, com força, para o meu banquete», diz o Senhor. Varrei a casa à procura da dracma perdida e, quando a encontrardes, fazei festa, porque há mais alegria no céu por um convertido do que pela multidão assídua e fiel.

Jesus é para ser anunciado, não é para consumo privado de ninguém. Não temos o direito de O esconder ou aprisionar. «A palavra de Deus não pode estar acorrentada» 2ª Tm 2,9.

«... insiste oportuna e inoportunamente» 2ª Tm 4,1.

«Oportunamente» para quem ouve, inoportunamente para quem não quer ouvir», Stº Agostinho, Salm. 46.

O nosso silêncio é uma traição à humanidade. Aproveitemos todos os momentos para evangelizar. Nas liturgias de matrimónio, baptizados e funerais, nota-se a presença de pessoas, que se afastaram da Igreja ou se encontram em situação de vida, que não permite o acesso aos sacramentos e até pode acontecer a presença de pessoas de outras confissões religiosas ou de simples turistas, admiradores do valor artístico do templo. Temos de aproveitar todas as oportunidades para o anúncio do Evangelho. «Cristo não nos enviou só a baptizar, mas a anunciar a Boa Nova» (ide), 1 Cor. 1,10.

Ao nosso dispor temos sempre a oração, que vai onde nós não podemos ir. «As almas ganham-se de joelhos», diz S. Francisco de Sales.

«São muitos os que estão dispostos a ouvir, mas falta quem pregue. O mundo está cheio de sacerdotes, mas é difícil encontrar um trabalhador no campo do Senhor, porque aceitamos o ofício sacerdotal, mas não fazemos o trabalho do nosso ofício...

Pedi por mim, para que possa trabalhar, adequadamente, por vós; pedi para que a minha língua não desista de vos exortar, para que o ofício da pregação, por mim assumido, não seja motivo de condenação, diante do

justo juiz devido ao meu silêncio. Muitas vezes, é por culpa dos pregadores que a língua se cala... Por vezes, o silêncio do pastor é nocivo a ele próprio, mas ao seu rebanho é-o sempre». S. Gregório Magno, Homil. 17,3.

Quem não reage ao convite de Deus, «ide» prontificando-se a anunciar o Evangelho comete pecado da omissão, concorre para a estagnação que mata a igreja. Podemos restituir muitas coisas, mas o tempo perdido não tem restituição. O tempo não volta para trás.

Quem não quer abandonar o grupo, para se entregar à missão, no meio do povo, pretende realizar o seu projecto e não o projecto de Deus; quando muito concorre para uma evangelização residual, caindo no estafado chavão de todos os indolentes e preguiçosos do mundo: «Isto não é para se fazer, mas para se ir fazendo».

«Cristo não me enviou a baptizar, mas a anunciar o Evangelho» 1 Cor. 1,10 – 13, 17.

«Com os fracos, tornei-me fraco, para ganhar os fracos» 1 Cor. 22-23.

Jesus está sempre connosco, mas não nos substitui nas tarefas, que Ele próprio nos confiou: «Ide». Deus providencia o alimento dos pássaros, mas não lho leva ao bico ou ao ninho. Deus precisa de nós, das nossas mãos para trabalhar, dos nossos lábios para falar, do nosso corpo para sofrer, do nosso coração para amar.

Deus precisa de nós para continuar a obra da salvação, já que nós completamos, no nosso próprio ser o que falta à obra redentora, como diz S. Paulo.

«Ai de mim se não evangelizar». Não podemos ver o mundo, em pantufas, pela janela do nosso quarto de dormir.

Cristo é o Verbo de Deus encarnado. A missão é a luz e o amor de Deus, que entra na história, tarefa para a qual todos somos convidados.

A Igreja deve passar da espera à proposta, ao desafio da fé, que é privilégio da luz transmitida pela evangelização, já que «fides ex auditu», a fé resulta da missão.

Não basta rezar pelas vocações, é preciso provocá-las. Deus disse a Francisco de Assis: «Vai, constrói a minha casa». «Dai-lhes vós mesmos de comer» Mt 14, 16.

Portanto, evangelizar não é o mesmo que catequizar. Catequizar pressupõe uma fé adquirida, mas a fé nasce da evangelização. Só depois vem o aperfeiçoamento, o crescimento, a consolidação e educação na fé pela catequização, segundo S. Paulo: «Procurai ilustrar-vos».

O Kerigma, que é uma constante em toda a actividade apostólica, aparece no princípio da evangelização, apelando à fé ou confiança e a

uma conversão ou adesão pessoal a Cristo. E, porque a palavra de Deus é eficaz (Isaías 55, 10-1), as comunidades primitivas multiplicam-se como o grão de trigo em terra fértil.

Da pregação da palavra nasceram as primitivas comunidades crentes, apoiadas na novidade única que ouviram e recolheram no coração, em continuidade com um passado próximo ou distante, iluminado pela boa nova do presente e projectado para um futuro de plenitude a que todos se sentem chamados.

Deus toma sempre a iniciativa e vem ao encontro do homem com propostas admiráveis e irresistíveis.

Estas comunidades primitivas estão, profundamente, sensibilizadas para a admiração perante o mistério, que lhes é proposto como uma perspectiva aliciante, capaz de convencer e galvanizar até ao martírio.

São comunidades que se fundam na liberdade da resposta a uma chamada amorosa de Deus, que intervém nas suas vidas sem imposições sancionadas, sem violência ou pressão de espécie alguma. São comunidades espontâneas e esclarecidas, capazes de discernir os desígnios de Deus nos sinais dos tempos e distinguir o que é de primeira água daquilo que tem menos importância. São comunidades abertas a novas experiências, em que o Espírito se manifesta, convictas de que o dom de Deus não se esgota numa determinada experiência ou versão.

Quando é que nas nossas comunidades actuais se passará duma ética de obrigação, passividade e subserviência para uma ética de apelo - resposta, de protagonismo e responsabilidade pessoal? Quando é que as nossas comunidades despertam para a necessidade da fé, da confiança e entrega Àquele que tudo pode, porque é onipotente e tudo quer para nosso bem, porque é o Pai das misericórdias e do amor maternal incomparável?

2 - COLABORADORES DE DEUS

Cristo apareceu, no mundo, com um projecto de vida para todos: «Eu vim para que todos tenham vida em abundância»; «Eu vim trazer o fogo à terra e é da minha vontade que ele se ateie». O desejo veemente de Jesus é pegar o fogo do Espírito ao mundo desorientado com tanto barulho, perturbado com tanta propaganda, anciloso de tanta indiferença.

No entanto, houve um desfasamento entre a execução deste projecto divino e o tempo histórico que foi dado viver ao enviado do Pai, mas Deus continua empenhado na criação e redenção ainda em curso.

A nós, como igreja, incumbe completar o que falta à obra redentora de Jesus, segundo o pensamento de S. Paulo. Jesus de Nazaré, entregou à sua igreja a construção responsável da história: «*ide*».

A igreja é o braço estendido do Pai, o «sacramento universal» da salvação, no anúncio e testemunho do Dom de Deus à humanidade, segundo a *Lumen Gentium*, 48; «canal da graça» para todos, segundo a *Ex: Apost. Evangelii nuntiandi*, 14; prolongamento de Cristo, no tempo, em que lhe entregou a sua própria missão: «Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós.», «*ide*».

O Reino dos céus é semelhante a uma vinha ou à messe necessitada de braços generosos para o trabalho diário e «as únicas mãos que Deus tem na terra, são as nossas», diz Sta Teresa do Menino Jesus.

Desde muito cedo, até às dezassete horas, o Senhor convida operários para a sua vinha: «*Ide também vós para a minha vinha*» Mt 20,4. A messe é grande e os operários são poucos. Por que permanecéis, todo o dia, na ociosidade? Há trabalho para todos na Igreja de Deus. Cristo é a pedra angular deste edifício espiritual, que não poderá ser construído sem nós, pois somos as pedras vivas escolhidas por Deus para a construção.

Numa comunhão orgânica, cada um tem uma tarefa a desempenhar. Nenhum membro deste corpo, cuja cabeça é Cristo, permanece inocente, mas em colaboração responsável.

«*Ide*». O mandato divino é um apelo à missão, a cooperar com Deus na salvação de cada um e da humanidade inteira. Não levamos Deus à história, pois Ele já está a trabalhar, constantemente, no interior dos acontecimentos, já está à esquina da minha rua, como canta o Padre Duval. A nós compete aderir e cooperar com Ele, para humanizarmos o homem, a mulher e o mundo.

Deus é um ser absoluto, basta-se a si mesmo e, como tal, podia resolver sozinho a execução do seu projecto, mas, num acto de generosidade e amor, prefere e pede a nossa colaboração, embora respeitando até ao infinito a liberdade humana.

Cristo podia apresentar-se espontaneamente às multidões e fasciná-las com milagres, mas quer que outros homens, como o Baptista, continuem a dizer: «*Eis o Cordeiro de Deus*» Jo. 1,29.

Nos momentos de ponta, Ele faz a multiplicação dos pães e dos peixes e, como o bom pai de família, procura que todos tenham o ali-

mento necessário, mas continua a recomendar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» Lc 9, 13.

Ele dá o incremento, mas Paulo semeia e Apolo rega. Só Deus pode fazer germinar a semente, mas a nós incumbe semeá-la no coração do mundo.

Só Deus pode fazer milagres, mas a nós pertence realizar sacrifícios; Deus dá a força, mas a nós cabe estimular o deprimido; Deus é a vida, mas nós podemos despertar o desejo de viver; Deus é a luz, mas nós podemos fazê-la brilhar; Deus é o caminho, mas nós podemos encaminhar; Deus é esperança e amor, mas nós podemos ensinar a caridade.

Na segunda aparição, a 13 de Maio de 1917, a Lúcia interpela a Senhora das aparições: «Quería pedir-lhe para me levar para o céu». - «Sim, à Jacinta e ao Francisco levo-os, em breve, mas tu ficas mais algum tempo na terra. Jesus quer servir-se de ti, para me fazer conhecer e amar e estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração».

Deus serve-se destes fracos instrumentos como colaboradores na criação e redenção, para fazer brotar nascentes de água viva e renovar todas as coisas, Ap. 21,1-6.

A igreja é como um rio caudaloso de vida, que atravessa o tempo até à eternidade.

Todos mergulhamos na torrente para aurrir a força dos nossos maiores, já que a vitória de uns é fonte de coragem para os outros. Neste corpo gigantesco, do qual Cristo é a cabeça e nós os membros, como qualquer célula, enriquecemos e somos enriquecidos, recebemos e transmitimos vida.

Somos o elo duma cadeia. Passemos à geração vindoura o facho que a geração anterior nos entregou «Património genético», espécie de ADN é o que a geração apostólica transmite à seguinte: Tudo o que crê, aquilo em que acredita. Fé que não se apega, apaga-se. Cada geração deve acolher e transmitir à geração seguinte a revelação que lhe foi comunicada pela fé, a herança espiritual recebida dos seus maiores, já que a revelação deve ser anunciada a toda a criatura até à última vinda do Senhor.

A nós o Salvador entregou o poder de accionar os mecanismos transmissores da mensagem recebida: «Ide, ensinai e baptizai».

Já dizia Aristóteles: «Os teares não trabalham sozinhos». Esta é a nossa responsabilidade. «Deus que nos fez sem nós não pode salvar-nos sem nós», diz Sto Agostinho.

3 - NOVA EVANGELIZAÇÃO

«Algo de novo está a nascer, não o notais?» Isaías 43,19. Os problemas têm sido adiados só porque teimamos em doutrina feita e não em doutrina a fazer-se. Um Vaticano III pode ser uma ilusão. O Vaticano II, arduamente preparado, aponta para renovações profundas, na Igreja de Deus. O mistério de Cristo está aí à nossa frente e nas nossas vidas, como brasas vivas: «Ide», *duc in altum*, não tenhais medo da água, do sofrimento, «Ide». Cristo não é só para trazer ao pescoço, para se meter na gaveta, não é só para se aprender de cor, mas para ser vivido e anunciado.

Deus não pára, está sempre em actividade, é uma novidade permanente e inesgotável. Deus, “sendo o motor imóvel” evolui sempre, é sempre notícia: «Com os fracos, tornei-me fraco, a fim de ganhar os fracos» 1 Cor. 9, 16-19; 22-23. Cristo tomou sobre si as nossas dores para que os cristãos assumam idênticas responsabilidades no mundo. «Os cristãos são a alma do mundo», esta é a grande novidade da carta a Diogoneto.

Nova Evangelização, porque agora, todos são chamados, de verdade à grande missão. «Até os gagos e os tímidos, (como Moisés), profetizam e anunciam o Reino de Deus e o mais pequenino é maior que João Baptista», Jeremias 1, 6 e 2 Coríntios 7,5.

A Nova Evangelização passa pelo ecumenismo, diálogo com as outras religiões, ultrapassando os muros e rancores, para que todos demos as mãos na tarefa imensa da missão, porque «a messe é grande e os trabalhadores são poucos».

Nova Evangelização, porque acompanha o mundo em constante evolução, sobretudo na sua dimensão social, optando pelos mais desprotegidos. Numa sociedade em evolução rápida, o essencial já não é a experiência acumulada, mas sim a adesão ao movimento». Edgar Morin.

A globalização torna mais próxima, mais vizinha, a Igreja universal. «Vasto mundo, minha paróquia», Yves Congar. Somos, na igreja, mercê da globalização, cada vez mais missionários, dentro e fora de fronteiras.

Nova Evangelização, porque se diz e reconhece com mais insistência, que sem o impulso missionário, a Igreja perde a sua própria identidade; porque se diz com mais ênfase, que viver, testemunhar e anunciar Jesus Cristo, Salvador, é a razão de ser da Igreja.

Nova Evangelização, porque todos reconhecem, agora, com mais força, que é prioridade permanente para a igreja o solene dever confiado aos apóstolos pelo Senhor: «Ide».

Nova Evangelização, porque procura novos caminhos para transmitir, de modo vivo, a mensagem de Cristo. Os meios de comunicação social tão diversificados são, actualmente, uma forma planetária de evangelização. A Evangelização, hoje, não pode dispensar a galáxia digital. Novos métodos e novas expressões no anúncio evangélico, por isso, novo ardor missionário.

Jesus arrebatava as multidões. «Não lhes falava como os escribas», estilo cassette, tinha sempre notícia, novidade. «O tédio mata as paróquias», escreveu Bernanos no Diário de um Pároco de Aldeia».

Nova Evangelização, porque aponta para formas novas de os crentes se situarem, num mundo secularizado, pela conversão e testemunho. Conversão que não é cosmética, pois mexe com as pessoas, transformando-as: «Para vinho novo, odres novos». Conversão que contemporiza com as pessoas, mas nunca com o mal que praticam. Conversão, obra de Deus, que liberta e torna feliz. Podemos ser livres numa prisão, como Paulo de Tarso.

Desde o século XII a Igreja preocupa-se mais em preservar uma herança do passado e menos em desenvolver e accionar os mecanismos de uma nova evangelização.

Os mendicantes e as sociedades dos padres missionários, desde o século XIII até aos carmelitas do século XVI, encarregaram-se da missão.

Actualmente, surgem algumas lufadas de ar fresco. O espírito das primitivas comunidades cristãs parece ter despertado alguns sectores da Igreja, para a necessidade das missões numa sociedade, cada vez mais secularizada. A missão, privilegiando o contacto pessoal, levará prioridade sobre a administração e obras da paróquia.

«A Igreja necessita de forte comoção, que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres».

«A conversão pastoral das nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária». São afirmações dos bispos brasileiros, preocupados com a reforma das paróquias, adaptando-as às exigências de uma nova evangelização.

A Conferência Episcopal brasileira deu-se conta do mau funcionamento das paróquias, como instituições inadequadas aos nossos tempos de secularização e urbanização crescentes, onde a maioria das pessoas

vive à margem da Igreja, recorrendo a ela, tão-somente, nos momentos de fronteira: nascimento e morte.

O Espírito de Deus diz-nos que a paróquia, como hoje se encontra, sobretudo nas cidades, precisa de ser reformulada em pequenos grupos, pequenas comunidades de base, isto é, subdividida em unidades menores de pequenos grupos com melhor relacionamento e presença cristã no mundo, dos quais possam saltar faúlhas de fogo, daquele fogo, que Jesus veio trazer à terra dos homens.

No entanto, grande parte das paróquias rurais continua a ser o lugar dos que se sentem reunidos em Cristo; lugar de comunhão de uns com os outros, uns ao lado dos outros; lugar onde cada um acolhe o outro como um dom de Deus; lugar de celebração religiosa, social e humanizadora.

A paróquia acompanha e santifica a vida das pessoas, nos momentos festivos e de sofrimento: baptismo, comunhão, matrimónio, exéquias.

Sem a paróquia, a sociedade seria um deserto árido de solidão, individualismo, egoísmo, indiferença, ausência de sentido e calor humano.

«A paróquia é como o fontanário da aldeia, a que todos acorrem para matar a sede», disse João XXIII. Através da paróquia, a vida cristã chega às famílias.

O Cardeal D. Cláudio Humes, arcebispo de S. Paulo, Brasil, recomenda a evangelização de casa em casa. As pessoas têm de sentir o calor da Igreja em que foram baptizadas. É necessário visitar, com frequência, as ilhas onde rasteja a pobreza, as barracas, onde a miséria espreita por todas as frinchas; os velhos em solidão; os doentes acamados; as crianças abandonadas na rua, como cães vadios; as prisões dos que não têm sentido e perderam a esperança.

O suicídio acontece, com relativa frequência, até nas aldeias que se dizem cristãs.

Todos aqueles valores são uma riqueza imensa ao dispor de uma Nova Evangelização, mobilizadora de movimentos e obras laicais, grupos apostólicos paroquiais e diocesanos cada um com os seus carismas, a participar na vida da Igreja, em espírito de serviço e comunhão, evangelizando e deixando-se evangelizar.

Esta diversidade de dons e carismas, outorgados por Deus às pessoas e instituições, contribui para a edificação da Igreja e o bem da sociedade.

Numa sociedade secularizada e individualista, onde as minorias são marginalizadas, todos aqueles grupos missionários, que testemunham o primado de Deus e a fraternidade humana, são uma bênção do céu.

Esta nova filosofia ou novo estilo de vida, na Igreja, exige uma pro-

funda mudança na instituição. Ora a experiência ensina que as lideranças estabelecidas ou estruturas instaladas não conseguem, facilmente, largar os cueiros das suas tradições.

As coisas da Igreja movimentam-se, com pés de chumbo, em matérias onde é sempre mais fácil acomodar-se do que percorrer a velocidade controlada com semáforos vermelhos intermitentes.

As grandes mudanças históricas, na Igreja, devem-se a pessoas novas, de opções evangélicas radicais, como Francisco de Assis, em Itália, Domingos de Gusmão, em Espanha e mais perto de nós, S. Gonçalo de Amarante, São Martinho de Dume e tantos outros.

O clero actual não está preparado para a Nova Evangelização. A formação missionária, nos seminários ou faculdades de Teologia ou não existe ou é deficitária. «Tratem os bispos dos sacerdotes, do clero diocesano, que hão-de dedicar-se à evangelização dos povos. Tratem de os ajudar e, se for necessário, fundar institutos missionários e seminários de clero diocesano para as missões». Vaticano II, no decreto «Ad Gentes», n.º 38».

Há leigos que revelam inconformidade com o poder estabelecido e apático, mas é necessário convencer o clero, formar novas gerações de presbíteros, de tal forma que haja colaboração estreita entre a hierarquia e o laicado.

Já no século XIII, Sto. Tomás de Aquino se queixava de que o clero paroquial não era missionário.

Os futuros missionários serão leigos, cujo testemunho humano nasce deles próprios, único meio capaz de tocar o coração dos ouvintes. Cristo manifesta-se pela vida das pessoas e não pela doutrina que expõem.

Anos missionários, missões populares, parecem ter-se esfumado, sem êxito na bruma do tempo.

Ninguém planeou a vida de S. Francisco. Ele apareceu e o Papa confirmou. Ninguém preparou, nem formou, Paulo de Tarso, como missionário. Recebeu o dom do Espírito Santo, que lhe mostrou o caminho, para organizar comunidades dos discípulos e «nele a graça não foi em vão».

O Espírito Santo está presente no mundo e mostra o que quer com sinais claros. O primeiro dom do Espírito Santo é o Apostolado (1 Cor. 14) e o segundo é a profecia (1 Cor.14); o dom do governo vem em sétimo lugar.

O missionário precisa de aprender a estar presente em todos os lugares e dimensões de uma sociedade secularizada, arreligiosa, mergulhada num ateísmo de massas, que não espera a salvação do Além.